



TEATRO DE SOMBRAS NA ESCOLA: PRÁTICAS DO PIBID NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ariane Clara Fernandes de Souza Siqueira Ramos Farias
(Acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro/UFPE)
Lyane Marcelle Cavalcante Santos (ORIENTADORA)
EMAIL: ariane.clara@ufpe.br, professoralayartes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O ensino de teatro em escolas possibilita a exploração da imaginação, desenvolvimento de sensibilidade estética, expressividade, ludicidade, favorece a capacidade de trabalho coletivo, oralidade e construção de narrativas pessoais, contribuindo para a formação integral desses sujeitos. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID)

assume um papel essencial ao aproximar licenciandos da realidade escolar possibilitando que eles vivenciem práticas pedagógicas, ainda enquanto estudantes. Esse acesso às escolas não apenas fortalece a formação de futuros professores, mas também amplia a oferta de experiências artísticas e culturais para os alunos da educação básica, consolidando a importância do teatro como componente curricular.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O teatro de sombras é uma das modalidades do teatro de formas animadas. Os registros mais antigos de sua ocorrência estão situados na China, com informações encontradas que datam do período da Dinastia Song (960 – 1279). A técnica consiste na projeção de sombras através do uso de uma fonte de luz incidindo sobre objetos, silhuetas ou corpos que são posicionados entre o sombrista – como é chamado o indivíduo que faz teatro de sombras – e uma superfície de projeção que é denominada de “tela”.

Embora ainda não seja uma técnica amplamente difundida aqui no Brasil, as sombras têm sido uma técnica bastante utilizada para fins pedagógicos, sobretudo na educação básica. Sua utilização como ferramenta metodológica se adequa ao que preconiza a Lei nº 9.394/1996, que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que considera o ensino da arte como obrigatório e o reconhece como um campo essencial para o desenvolvimento cultural e criativo dos estudantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciei minha prática no PIBID no Colégio Municipal Humberto Barradas, no município de Jaboatão dos Guararapes/PE, onde fui direcionada pela professora supervisora ao grupo focal do 6º ano B. Um grupo composto por 35 estudantes, com idades entre 11 e 12 anos, de classe econômica baixa, em sua grande maioria. Desse total, apenas quatro deles afirmaram já terem ido ao teatro.

No primeiro dia de aula, fiz uma breve introdução para a turma sobre o que é o teatro de sombras. Partir desse tópico me permitiria abrir caminhos para poder apresentar aos estudantes conceitos básicos de iluminação. De imediato percebi o interesse dos estudantes pelo que eu estava expondo.



Antes mesmo da experiência prática eu já tinha conseguido capturar parte dos estudantes para o processo criativo. Conforme ia fazendo perguntas sobre luz e fontes luminosas, mais mãos eram erguidas no intuito de responder. Na segunda parte da aula demonstrei como se dava a projeção de sombra utilizando um objeto e uma lanterna, tendo como “tela” uma das paredes da própria sala. A turma que era agitada, foi aos poucos diminuindo seu ritmo. Vários pares de olhinhos curiosos e atentos olhavam as silhuetas projetadas ali na parede da escola.

Na aula seguinte, levei algumas silhuetas e propus que os estudantes se permitissem experimentá-las de forma improvisada, na luz que estaria sendo projetada em um tecido usado como tela. A princípio, só dois estudantes quiseram experimentar o jogo de improviso com as sombras, mas depois outros voluntários surgiram. Nesse momento vi estudantes que mal falavam ou interagiam com os colegas no dia a dia, se transformarem em grandes atores e atrizes; dando vozes e movimentos aos personagens que eram criados ali no improviso de uma brincadeira com luz e sombras atrás da tela. Sinto-me até hoje arrebatada por essa imagem.

A estratégia de usar como tela um tecido comum se deu para mostrá-los que a experiência poderia ser replicada em suas casas de maneira simples. Contribuiu também para essa escolha o fato de não existir na escola uma sala com aparato técnico que permitisse a instalação de alguma tela de outra configuração. O experimento não foi comprometido, uma vez que a tela de projeção é um recurso simples e funcional. Contudo, se dispuséssemos de uma sala com maior possibilidade de escurecimento do ambiente – com vedação das janelas, por exemplo – a qualidade dos resultados certamente seria superior.

Em outro encontro com o grupo focal, levei material para confecção das silhuetas. Distribuí algumas folhas de cartolina guache, fitas adesivas, tesouras e palitos de churrasco, mostrei-lhes silhuetas já prontas para que entendessem do que se tratava e pedi que construíssem as suas próprias. Deixando cada um livre para escolher o que criaria, marcando o processo pela autonomia e imaginação. As opções de criação eram múltiplas: personagem humano, objetos, animais ou até mesmo figuras geométricas.

4 CONCLUSÃO

Todos participaram dessa fase do trabalho. De repente a sala de aula tornou-se um grande ateliê em que aqueles jovens artistas entusiasmados experimentaram a sensação de criar um produto artístico autêntico. O que pude perceber nesses encontros foi que o teatro de sombras se mostrou uma prática que permite que a criança experimente através da brincadeira e encontre novas possibilidades vivenciando assim uma experiência artística que lhe viabilize expressar sentimentos, questionar convenções, conectar-se com o outro, usar a imaginação.

